DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

Glórias ao Barão. Aplausos a Mozart

Manuel Lima Soares

Este é para mim um instante de muita emoção, quando me vejo a alinhar alguns pensamentos sobre o cearensíssimo Barão de Studart, exatamente quando o Ceará medita sobre a transcorrência dos cento e trinta anos de nascimento e os quarenta e sete de morte, e verifica como diria Ruy Barbosa, no seu tempo e na sua oratória, que morto parece ainda maior do que vivo.

Fala por todos a gratidão desta Casa, obedecendo aos seus estatutos e ao consenso de seus membros, rememorando a figura altíssima de seu patrono e benfeitor, misto de intelectual consumado, modelar chefe de família, consciente batalhador em prol do abolicionismo escravagista e dedicado campeão da solidariedade humana.

Para o Instituto do Ceará, o percuciente autor de *Notas Para a História do Ceará,* de *Datas e Fatos Para a História do Ceará* e de mais de uma centena de obras, entre livros, artigos, discursos, conferências e alocuções, noutras palavras, o Dr. Guilherme Studart, médico e historiógrafo, é a mais bela de suas legendas e a sua tradição mais cara.

Assim, vale dizer que o filho do súdito britânico John William Studart e da cearense Dona Leonísia de Castro muito cedo teve que lutar pela vida e responsabilizar-se pela manutenção de uma família. Ainda estudante, em Salvador, aceitara o convite do Diretor do Colégio São José, Dr. João Nepomuceno da Rocha, para lecionar, ministrando aulas de Inglês, Geografia e História do Brasil, mesmo depois de ter ingressado na Faculdade de Medicina. Formado, veio a Fortaleza, mas tencio-

nava enfrentar concurso para o magistério acadêmico na Bahia. É quando ocorre o decesso do pai de Guilherme Studart, deixando família numerosa, sem chefe, com pessoas para educar e criar e em não muito boa situação financeira. O jovem médico não tergiversou. Trocou para sempre Salvador por Fortaleza.

Estudando o episódio, Boanerges Facó, apoiado em Joaquim Nabuco, compara a adversidade de Camões, empurrado para as Índias, à obrigação de permanência de Studart no Ceará, a partir de 1878, fatos que teriam influído na obra de cada um. Camões tornou-se o imortal poeta épico e Guilherme Studart o destacado beneditino de nossa cronologia.

O amor de Guilherme Studart pela família, muito no estilo patriarcal, dentro do contexto social da época, foi ainda acrescido pela sua sincera manifestação de amor ao próximo, com base numa firme formação religiosa, já preludiada na vida acadêmica na Bahia.

Nomeado médico dos retirantes da Grande Seca, no acampamento de Maranguape, assistindo aos atingidos pela fome e pela peste, foi de uma abnegação que Farias Brito classificou como verdadeira loucura, a dar crédito aos reclamos de seus familiares, vez que se internava no abarracamento, onde se consumia de fadiga, praticamente esquecido de tudo. Reportando-se a essa atitude de doação espontânea o reservado e sisudo Capistrano de Abreu não se arreceou de adjetivá-la de heróica.

O momento é oportuno também para recordar o posicionamento abolicionista desse grande cearense. Foi ele um anti-escravagista da primeira hora. Batalhou, é certo, pela solução do problema dos cativos em nossa terra, abstendo-se de participação nos processos que não se coadunavam com o seu temperamento, mormente aqueles onde a violência tinha livre curso.

Se estabelecermos uma terminologia adequada ao movimento emancipador dos escravos cearenses nos primeiros anos da década de 1880, Guilherme Studart pertencia ao grupo dos *abolicionistas* e não ao dos *libertadores*. É que os primeiros eram os sócios do "Centro Abolicionista", dissidência da "Sociedade Cearense Libertadora". Guilherme Studart e seus companheiros, conservadores, cuidadosos, trabalhavam pela abolição na Província sem ofensa às leis, evitando perturbações de ordem moral ou econômica. Já os integrantes da "Libertadora" chegaram até ao famoso juramento do punhal, exigindo matar ou morrer pela liberdade dos negros. Boanerges Facó compara os dois grupos aos revolucionários franceses, como

se fossem *jacobinos* e *girondinos*, lutando pelo mesmo fim, em campos diferentes.

Raimundo Girão esclarece muito bem o assunto e mostra que Guilherme Studart, por educação e por índole, e ainda mais pela responsabilidade do cargo de Vice-Consul da Inglaterra no Ceará, não poderia ter agido de outra maneira. E conclui o autor de *A Abolição no Ceará* que passado o tempo, desarmadas as prevenções, esquecidas as malquerenças, o reconhecimento é de que todos trabalharam positivamente pela mesma causa.

Impossível seria falar sobre o Barão de Studart sem referir a constância de sua vida no exercício da caridade cristã. Desde estudante aprendeu a assistir, de coração aberto, a pobreza desvalida. Em Fortaleza, sua dedicação aos pobres, na qualidade de membro ilustre da Sociedade de São Vicente de Paulo, foi verdadeiramente apostolar, merecendo de Austregésilo de Athayde, quando de seu passamento, a designação de santo moderno.

Por isso mesmo foi titulado Barão, em retribuição à operosidade cristã, por iniciativa do Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, documento de 22 de janeiro de 1900, firmado pelo Pontífice Leão XIII.

A idéia do Barão de Studart era a de dar o possível lenitivo a algumas das misérias sociais, vislumbradas no oceano sem praias das vicissitudes humanas. E embebido nos ensinamentos de Frederico Ozanam, queria enlaçar o mundo numa rede de caridade, justificando que não existe problema algum inquietador, desde que busquemos resolvê-lo à luz do Evangelho.

Homem de fé, o Barão de Studart, para completar-se, teria de ser, naturalmente, homem de sabedoria, buscando igualmente a verdade da História pátria e da História local, no exame dos alfarrábios, não se atendo apenas aos gabinetes, mas procurando as fontes, mesmo que para isso tivesse de realizar despesas pessoais, com viagens e pesquisas no estrangeiro.

Tal como sintetizou Boanerges Facó, o resultado foi um abraço trissecular abrangendo a História do Ceará-Colônia, do Ceará-Província e do Ceará-Estado, onde se esmaecem as dúvidas, se eliminam as controvérsias e se desfazem os erros sobre o nosso passado, antes dele, Barão de Studart, abordado sem muita segurança documental por João Brígido, Pedro Théberge, Tristão de Alencar Araripe e estudos esparsos do Senador Pompeu.

E nesta Casa foi onde o Barão fez escola e arregimentou os seus companheiros. Eminente condutor de homens, com brandura e eficiência foi por muitos anos o esteio da Instituição e de sua Revista, a qual, graças às suas pesquisas, às publicações de seus trabalhos e ao apoio da equipe então constituída, pôde ganhar notoriedade nacional e internacional.

O saudoso Thomás Pompeu Sobrinho apreciando o enriquecimento dos arquivos do Instituto, com a detenção da preciosa Coleção Studart, assegura que a exploração do enorme acervo de documentos oferece trabalho para mais de uma geração de estudiosos e pesquisadores.

Afiança o mesmo Thomás Pompeu Sobrinho que nesse imenso legado se lobrigam pistas para orientações mais novas, fatos e circunstâncias que podem ajudar a descobrir trilhas e caminhos que conduzam a acontecimentos ainda mais velados ou desconhecidos de nosso passado, ensejando assim a uma mais legítima e luminosa síntese histórica.

Convém proclamar que o Barão de Studart, em absoluto, não quis fazer tudo. Suas energias mais se voltaram para o trabalho de coordenação e seleção. Da excelente matéria-prima que acumulou muito deixou para os que vão fazer crítica científica, baseada na leitura refletida. A busca dos textos, a seleção documental dos fatos, foi ato criador do Barão de Studart, que o manterá para sempre valoroso e respeitado. Mas ao sabor do tempo decorrido, das teorias e do sentir histórico, que faz dessa ciência do homem um relacionamento da realidade com os valores, como querem os seguidores de Hegel e Croce, a reinterpretação, a revalorização dos documentos é um imperativo natural.

É então dever do Instituto e de todos aqueles que nesta terra combatem pela História, aproveitar adequada e porfiadamente o amplo material deixado pelo Barão de Studart à disposição de estudiosos e pesquisadores, tal como se vem procedendo.

Os futuros historiadores cearenses que se abeberem nesse manancial. Entretanto, mais uma providência, aliás, requerida pelo Prof. Paulo Bonavides em 1956, por ocasião do centenário do Barão de Studart, poderia ser tomada. É a publicação de suas obras completas, através do poder público, justo prêmio ao cearense de escol, projeção cultural para nossa terra e substancial ajuda à mocidade acadêmica.

O pedido, inserido no tomo especial da Revista do Instituto do Ceará, comemorativo do evento do centenário, é abso-

lutamente procedente, inclusive já ocorrendo exemplos, como o caso de Sergipe e Sílvio Romero.

A Secretaria de Cultura, que hoje existe viva e bolindo, poderia realizar uma sistemática publicação dessas obras, por si ou em convênio com o Instituto e as Universidades locais que possuem Cursos de Geografia, História e Ciências Sociais. Além da divulgação de uma documentação imensa, pelo Brasil inteiro, reativando, revigorando o estudo da História regional, e tornando mais conhecidas as origens e a formação do Ceará, despertando novas vocações e interessando o grande público, além de tudo isso, de certo modo preservaria mais ainda a inestimável Coleção Studart, que embora contando com a boa vontade do Instituto, não é de fácil acesso a grupos numerosos, e vez por outra é prejudicada por um ou outro consulente pouco cuidadoso.

Ao iniciar, confessei-me emocionado pela tarefa. A emoção advém da oportunidade de discorrer sobre um dos nossos consócios que foi uma glória nacional, cuja grandeza d'alma, ora evocada, a todos nos deixa reverentes e saudosos. Ele, que foi um modelo para os pósteros, que continue a nos impulsionar a ação cultural. E, mais do que tudo, nos comunique o seu modo simples, a sua humildade e a sua desambição diante de glórias fáceis.

Caríssimos consócios:

Valorizando a medalhística regional, o Instituto do Ceará providenciou, em idos de 1972, a criação da "Medalha Barão de Studart", perenizando na mesma a efígie de Guilherme Studart, seu nome tutelar, juntamente com as armas do sodalício, inspirado na tradição que nos veio desde o Império Romano, dos tempos de Augusto, e que culminou no século XVI, com o nível artístico dos emblemas manufaturados por Foppa, Cavino, Leoni, Cellini e Dürer, entre outros, com o propósito de solenizar eventos e conferir lauréis a personalidades ilustres.

Os heróis nacionais, as nossas figuras eminentes das letras em geral e, em especial, da Historiografia, Geografia e Antropologia, mormente do Nordeste do Brasil e mais particularmente do Ceará, bem assim as pessoas que hajam prestado relevantes serviços ao Instituto, e os sócios efetivos que se tenham caracterizado pelo seu devotamento a ele, e contem, pelo menos, com quinze anos de eleitos, são as personagens capazes de ostentar a condecoração, depois do exame de uma proposta, referendada pela Diretoria e pelo Plenário.

Qualificados para tanto, Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, Raimundo Girão, Antônio Martins Filho, Djacir de Lima Menezes, Cláudio Martins, Antonio Nilson Craveiro Holanda, Carlos Studart Filho e Luís Cavalcante Sucupira são os nomes de escol que até esta data fizeram jus à distinção honorífica da "Medalha Barão de Studart".

Agora, novamente, com os aplausos gerais, o nobilitante emblema vai cintilar no peito de mais um agraciado. Trata-se de Mozart Soriano Aderaldo, uma das colunas de sustentação da Casa do Barão de Studart. A concessão desta mercê é um belo ato de reconhecimento ao trabalho e ao mérito.

Peça numismática de inestimável valor emocional e simbólico para o Instituto do Ceará, a "Medalha Barão de Studart", quando ofertada a uma individualidade do porte intelectual de Mozart Soriano Aderaldo, atinge a sua plena finalidade, vez que equivalem-se, no caso, a distinção e o significado da insígnia com o crédito e o merecimento do agraciado.

É impossível debuxar, nos concisos termos de um discurso de saudação, uma paisagem abrangente do frondoso *curriculum vitae* de Mozart Soriano Aderaldo. Direi simplesmente que este cidadão do Ceará e de Fortaleza, nascido no Brejo, no Maranhão, foi um atuante liceísta da década de 30, mais tarde formado em Direito, com incursões nas ciências da administração, nos saberes das ciências sociais e na literatura brasileira.

Professor, ele derramou-se em afanosas atividades docentes, por anos a fio, desde os ginásios secundaristas até as cátedras universitárias, participando de toda a tessitura do ensino, pesquisa e extensão.

Reafirmando a vocação de líder, demonstrada desde os seus dias de Presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, da nossa Faculdade de Direito do Ceará, Mozart Soriano Aderaldo exerceu, até quando a saúde lhe permitiu, diversas e importantes atividades administrativas, no campo do ensino, no campo político, em funções, cargos, comissões e representações, ora por via de escolha das autoridades maiores, ora por decisão de seus colegas, sempre com muito aprumo e dignidade.

No tocante ao ensino, além do magistério, como uma mostra das suas posições, podemos sumariar com a menção de seu trabalho como representante da Congregação, junto ao Conselho Universitário, a sua atuação na Chefia do Departamento de Ciências Sociais, depois Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, onde convivemos fraternalmente, e mais

ainda o seu desempenho na qualidade de Membro do Conselho Departamental, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará.

Quanto à trajetória político-administrativa de Mozart Soriano Aderaldo, acho possível tentar uma síntese marcando o seu início em 1939, vendo-o Prefeito Muncipal de Senador Pompeu, para o encontrar depois Juiz Suplente da Junta de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, em Fortaleza, de 1941 a 1945, não esquecendo que foi Suplente de Vereador, em nossa Capital, de 1955 a 1958. Em seqüência ocorreu o seu período de Consultor Jurídico do Estado, que se prolongou até 1966. Já durante o Governo Plácido Castelo foi o Secretário da Administração, com interinidade em outras Pastas. Afinal, Ministro do Tribunal de Contas do Ceará, o qual presidiu em 1973, pôde experimentar, ao longo de toda essa jornada, a oportunidade de atuar nas áreas do executivo, legislativo e do judiciário, com bastante determinação e proficiência.

Em nossa Instituição o agraciado de hoje, sócio efetivo há trinta e cinco anos, no fluir de várias gestões administrativas, há sido uma criatura polivalente, ocupando com desenvoltura qualquer cargo que lhe seja designado. Se percorrermos a lista dos dirigentes pretéritos, sempre o divisaremos alternativamente 1.º Secretário, 2.º Secretário, Orador, Vice-Presidente, Presidente em exercício, Diretor da Casa de Tomás Pompeu, Membro de Comissões e, sobretudo, redator da Revista. Por iniciativa sua, muitos dos atuais sócios efetivos tiveram seus nomes aceitos para as vagas ocorridas. Renovo, assim, nesta oportunidade, os meus agradecimentos a Mozart Soriano Aderaldo, que secundado por Luís Teixeira Barros e o nunca esquecido José Denizard Macedo de Alcântara, me propuseram nesta Casa para suceder a humaníssima figura de Plácido Aderaldo Castelo.

Esse caminhar profícuo ele o pratica em todas as entidades culturais e classistas de que se aproxima e às quais empresta o seu concurso. Isso pude testemunhar na Universidade Federal do Ceará. Disso tenho notícia da Academia Cearense de Letras, igualmente do Grupo CLÃ e do Conselho Estadual de Cultura. Disso tenho conhecimento próprio na Sociedade Cearense de Geografia e História e nas fileiras do Rotary em nosso Estado.

Dos livros, das monografias, dos prefácios, das edições anotadas, da seara jornalística, da participação em antologias, de Mozart Soriano Aderaldo, somente um ensaio biográfico comportaria apreciação mais longa, mesmo em estilo sucinto.

Neste local e neste momento queremos apenas ser o eco dos admiradores, o intérprete dos amigos, o porta-voz dos que lhe conferiram o maior prêmio da Casa.

Mas não posso deixar de mencionar e louvar a sua *Colonização das Terras Devolutas do Ceará*, a sua *História Abreviada de Fortaleza* e *Crônicas sobre a Cidade Amada*, as suas memórias acerca de *O Liceu de meu tempo*, onde o meu coração continua matriculado, as suas *Velhas Receitas da Comida Nordestina*, trabalhos que na obra do agraciado de hoje melhor me falam à sensibilidade.

E, homem de fé, mergulho também com Mozart Soriano Aderaldo *No Mar de Tiberíades*. Enfim, percorrendo as achegas oferecidas à velha *História da Província do Ceará*, de Tristão de Alencar Araripe, encontro e aponto no homenageado aquele mesmo ideal que animou outrora os grandes cultores da Historiografia neste cenáculo, agora pertencentes ao Mundo dos Espíritos e nimbados na auréola de um passado glorioso, que jamais deixaremos fenecer.

Eminente figura de nossas letras, vigoroso cultivador de nossa Historiografia, batalhador estimado e incansável em prol dos objetivos desta Sociedade, a Mozart Soriano Aderaldo concedamos sem mais demora a láurea merecida, o disco de ouro que representa a "Medalha Barão de Studart".